

MUSICOTERAPIA

Rose de Lis Sauane

RESUMO

Este artigo busca discutir quais contribuições o ensino da música como recurso educativo articulado à psicopedagogia oferece para o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. Trata-se de pesquisa bibliográfica que utiliza os pressupostos de Ferreira, Brito, Ponso e Abramovay quanto às questões de ensino, aprendizagem e desenvolvimento. A educação musical está presente na vida das crianças desde o nascimento. Sua presença nas mais diferentes e variadas situações do cotidiano faz com que elas iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas com rimas, parlendas. Encantados com o que o ouvem, os bebês tentam imitar e responder criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsável pela criação de vínculos, tanto com os adultos quanto com a música. Assim é a música e não um acessório, mas instrumento no aprimoramento do desenvolvimento sem limite de idade. E com tal importância não deva ser sucateada em suas ações.

Palavras-chave: Música, Educação, Práticas sociais, Contribuições.

INTRODUÇÃO

A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, exercendo as mais diferentes funções. Sabe-se que a música envolve elementos que promovem a integração dos dois hemisférios cerebrais: o esquerdo (ligado à lógica) e o direito (emoções), além de ser uma excelente forma de evocação da memória.

No caso da música clássica, ao mesmo tempo em que ela possibilita uma diversidade de estímulos, também pode influenciar no desenvolvimento das capacidades cognitivas do cérebro responsáveis pelo desenvolvimento da memória, da atenção, do raciocínio matemático e das capacidades verbais.

No espaço escolar, algumas músicas clássicas, especialmente pela harmonia dos instrumentos, promovem uma sonoridade de equilíbrio no

ambiente, o que favorece a atenção e concentração dos alunos na realização das atividades, colaborando para uma melhor memorização de informações e consequente aprendizagem.

A música, em sua primeira instância, é um instrumento caracteristicamente estimulador, seja de sentidos ou percepções, possui o poder de estimular os seres humanos ou facilitar seu desenvolvimento e prática em outras muitas atividades. Sabe-se que a música no âmbito da educação e ensino, desempenha o papel de estimuladora e/ou auxiliadora no ensino das disciplinas que se pautam na escala comunicativa primeiramente existente, que é a linguagem verbal (ALEIXO, 2003).

Partindo deste pressuposto, este trabalho propõe-se a discutir os desdobramentos e vantagens da intervenção através da música no ensino/educação e práticas sociais, bem como a forma com que pode ser trabalhada e introduzida em sala de aula, e quais são os avanços no auxílio da aprendizagem dos alunos e sua implicação frente as questões sociais a partir dos pressupostos de Ponso, Abramovay, Brito, Aleixo e Ferreira.

Observa-se, que para tal prática, não é necessário que o professor/educador seja um profundo conhecedor de música, mas que, caso queira desenvolver um trabalho e obter bons resultados, é de extrema importância que este se disponha a ouvir, conhecer e praticar música em suas diversas modalidades sejam elas quais forem, sem preconceitos.

No desenvolvimento da prática (usar a música como auxiliadora no ensino/aprendizagem) procura-se evitar discutir acerca de elementos próprios da teoria musical, ainda que necessários (FERREIRA, 2002). Com isso acha-se cabível, pela proposta do trabalho, não abordar tais teorias musicais uma vez que estas não interessam ao público alvo.

Segundo Hummes (2004), como fator social, a música não pode ser tratada descontextualizada de sua produção sociocultural. Por isso a necessidade de colocar no centro da aula a relação que adolescentes e jovens mantêm com a música, e não se limitar ao estudo da prática ou do consumo musical meramente por seu conteúdo ou gênero.

É sabido que cada indivíduo, na sociedade de um modo geral, carrega consigo uma parcela de individualidade e representatividade frente às demais pessoas, e que sua maneira de vestir, falar, se comportar, lugares onde frequenta, pessoas com quem possui amizade e, não menos importante, o tipo de música que gosta, refletem claramente aquilo que ele representa ou quer representar na sociedade (MULLER, 2000).

Então, em cada parte da cidade observa-se o agrupamento de adolescentes e jovens que se vestem parecido, falam parecido, se comportam parecido e “curtem” o mesmo estilo de música. Em que se observados os comportamentos de jovens e adolescentes contemporâneos, verifica-se que a música assume o papel de “espelho”, refletindo exatamente aquilo em que o jovem vive, acredita e quer externalizar a todos.

Em se tratando de adolescentes e jovens alunos do ensino regular, é preciso traçar uma linha de pensamento no que diz respeito a intensidade ou a forma pela qual a música auxilia tal aluno nas demais áreas escolares.

Uma vez apontados desdobramentos positivos frente a utilização da música concomitantemente as demais disciplinas do currículo escolar, fica expressamente interessante e positivo o incentivo a tal utilização da música como auxiliadora na escola.

Portanto, a relevância desse assunto se pauta no que diz respeito ao papel da música como auxiliar na educação e ensino de tais alunos que necessitam de uma nova ótica de aprendizagem e exercício das práticas sociais, como artifício motivador e de estímulo para o desenvolvimento da expressão de cada indivíduo no tocante a escola e a sociedade.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da música no ensino e educação, de forma que possa apontar os desdobramentos e resultados frente aos alunos e verificar a forma pela qual a música pode ser trabalhada no ensino, além de revisar a literatura relacionada a história da música, a relação da música com a educação, bem como definir qual é a representatividade da música nas práticas sociais dos discentes.

1. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO ENSINO E EDUCAÇÃO

Sabe-se que no Brasil existem inúmeras tendências musicais atreladas a diversas culturas diferentes, e que cada público se expressa na sociedade de acordo com o estilo musical que melhor se identifica o que fica claro nos gestos, valores, ideias e comportamento dos jovens nos dias de hoje. Em relação ao processo de ensino aprendizagem e a educação em si a música tem se mostrado um instrumento facilitador, auxiliar e eficaz aos educadores que a tomam como parte integrante do processo de ensino aprendizagem.

Loureiro (2003) considera ser essencial o julgamento para dimensionar a função da música na escola, fazendo com que a mesma possa ser encaminhada a possuir um valor expressivo nas demandas da educação escolar.

No século passado, a música era obrigatória nas escolas como o canto orfeônico, ou seja, era matéria de peso e representatividade no currículo dos alunos. Hoje se sabe que a música perdeu sua importância no ensino regular e encontra-se, nesse aspecto, desprestigiada. Mediante isso, faz-se necessária uma abordagem não puramente mecânica da música, com a intenção de simplesmente fazer o aluno “cantar” e “cantar” sem um fundamento que represente algum tipo de estímulo a ele e que o faça reagir de forma a melhorar seu rendimento escolar nas demais disciplinas. Portanto, deve ser levado em conta sua vivência e experiência pessoais, seu potencial criativo e habilidades integrando sempre que possível e necessário, os demais conteúdos disciplinares do currículo.

A priori, é necessário entender as razões pelas quais a música deixou de fazer parte do currículo básico das escolas e o porquê da sua atual desvalorização, para posteriormente discutir como a música pode atuar como auxiliadora e potencializadora do ensino e educação.

Como já mencionado, a música está sempre ligada à sociedade e ao comportamento da mesma no mundo, e cada público busca na música sua identidade enquanto pessoa social e transformadora da mesma.

Moura (2009) afirma que : “O conceito de identidade, (...) de modo geral (...), se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas (...).”, com isso, observa-se a presença da música, de forma consistente, em todas as épocas e camadas da sociedade.

2. A NECESSIDADE DA MÚSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

A violência nas escolas, o desinteresse nos estudos, o descaso diante das atividades propostas mantêm-se ascendentes, inviabilizando os processos de ensino-aprendizagem e proporcionando a ampliação de situações de conflitos entre os sujeitos da comunidade escolar. Continuamente os educadores se queixam sobre a falta de preparo para lidar com as situações de conflito que convergem para atitudes desrespeitosas no tocante ao convívio e apáticas na dinâmica de aprendizagem se percebendo fragilizados emocionalmente e com sérias dificuldades em realizar ações conjuntas.

Não preparados para o enfrentamento dessas situações, como consequência, podem ocorrer diversos sintomas de adoecimento, tais como: presença acentuada de estresse, ansiedade, depressão, desajustamento no grupo, Síndrome do Pânico e a Síndrome de Bournout (MARTINS, 2007).

Dentro do contexto escolar, com a diversidade de comportamentos encontrados, cada qual em seu *locus* de atuação, as situações de violência ora adquirem significações semelhantes, ora contrárias e mesmo contraditórias.

Segundo Abramovay (2003), não existe um consenso sobre o significado do desinteresse, dificultando a definição e sendo delimitado pela unidade de ensino e seus atores. Para a autora, “a percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado”, isto é, “o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do *status* de quem fala (professores, diretores, alunos, etc), da idade e, provavelmente, do sexo” (ABRAMOVAY, 2003, p.21).

Assim como as representações, as ações dos diversos atores frente as situações de violência e descaso escolar também se diferenciam.

Abramovay (2003) afirma que para compreendermos a agressividade escolar se faz necessário considerar as variáveis endógenas e exógenas em sua conformação. Como questões exógenas, diversos aspectos externos são considerados: as questões de gênero, as relações raciais, as características familiar, a influência de meios de comunicação, o espaço social das escolas etc. Referente aos aspectos internos, fatores como: a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos das escolas e o impacto do sistema de punições adotado pela mesma, o comportamento dos professores em relação aos alunos e a prática educacional.

A autora enfatiza, ainda, que:

...embora os fatores externos tenham impacto e influência sobre a violência escolar, é preciso tomar cuidado com o fator de que, dentro da própria escola, existem possibilidades de lidar com as diferentes modalidades de violência e de construir culturas alternativas pela paz, adotando estratégias e capital da própria escola (ABRAMOVAY, 2003, p.25)

Patto (2005) sustenta que além de considerarmos o estresse nas escolas se faz necessário levar em conta a violência nas escolas, apontando que existem três formas básicas em sua configuração que levam, principalmente, ao desrespeito da categoria profissional dos professores: os baixos salários, a má qualidade dos cursos de formação e a exclusão dos docentes dos processos decisórios. Devido a esses fatores e muitos outros aspectos, o ambiente escolar tornou-se um espaço de mútua culpabilização e desrespeito, onde os diversos atores imputam uns aos outros a culpa pela violência escolar. No entanto, a autora afirma que a “vítima” de toda essa violência são TODOS os sujeitos que trabalham e convivem nas escolas.

Dentro dos espaços escolares, muitas propostas de resolutividade encontram-se sustentadas na lógica ameaça-punição ou na racionalidade, buscando por explicativas que favoreçam ações gerais, planejadas para qualquer situação de conflito sem considerar as especificidades de cada circunstância.

Apontando para outra perspectiva, alguns autores (PATTO, 2005; ABRAMOVAY, 2003) avançam em outras proposições de resolutividade.

Patto (2005) sustenta que:

...a única atitude coerente a tomar é repensar, com honestidade de propósitos e com a participação de todos os integrantes da vida escolar (...) para que se possa identificar corretamente o inimigo e romper o círculo vicioso de acusações mútuas (PATTO, 2005, p.36).

Para Abramovay (2003, p. 27), “é justamente por sua complexidade e multiplicidade de facetas que a compreensão do fenômeno das violências nas escolas impõe o desafio de uma ótica transdisciplinar, multidimensional e pluricausal”. A partir dessas considerações, compreendemos que se faz urgente encontrar soluções de cunho humanístico para essa problemática, considerando que outras dimensões do ser humano influenciam na compreensão sobre a violência. Dentre esses, os fatores subjetivos.

A Musicoterapia, enquanto projeto diferenciado na formação continuada de professores, propõe experiências musicais musicoterapêuticas (técnicas e procedimentos musicoterápicos) nas quais a música aparece como elemento principal de sensibilização e criatividade, propiciando, na maioria das vezes, diversas transformações. Com esta prática, visa-se melhorar o autoconhecimento e a percepção sobre os demais atores participantes do processo ensino-aprendizagem (alunos, colegas, funcionários e gestores), possibilitando, ao educador, a oportunidade de ressignificar sua prática docente.

Numa perspectiva humanística, a proposta de inserção da Musicoterapia nas iniciativas de qualificação docente visa resgatar e desenvolver habilidades e competências intrapessoais e interpessoais no sentido de criar ambientes educativos mais pacíficos. A proposta de inserção da Musicoterapia na formação continuada dos docentes utilizou o modelo de Educação de Laboratório (ARGYRYS apud MOSCOVICI,2008), o qual fundamenta-se na ideia de que os indivíduos, ao vivenciarem situações e/ou experiências, poderão conhecer melhor os próprios limites, preferências e características pessoais, e assim agir de forma diferenciada. O foco do aprendizado recaiu sobre a dimensão das atitudes manifestadas na relação educativa, englobando

funções e experiências cognitivas e afetivas, em um ciclo de quatro etapas sequenciais e interdependentes: atividade, análise, conceituação e conexão com a realidade.

O ser humano é uma espécie que se diferencia das demais, principalmente, por sua subjetividade. Ele se utiliza de diversas formas de linguagem para se relacionar no mundo utilizando gestos, sinais, palavras, sons, gritos, silêncios, cores, músicas etc. Nos casos de ansiedade, estresse, desinteresse, muitos são os conteúdos que ficam no campo do não-dito. Abrir outros canais de comunicação através do não-verbal e da música, particularmente, pode propiciar a externalização de conteúdos guardados, e, conseqüentemente, promover mudanças (NASCIMENTO e CRAVEIRO DE SÁ, 2009).

Tanto o aluno quanto o professor, atores essenciais no processo de ensino/aprendizagem, podem se beneficiar da Musicoterapia por meio das sensibilizações, projeções e representações agenciadas pela música e seus elementos constitutivos. As experiências musicais interativas oportunizam a aceitação de expressões emergentes, da diversidade, possibilitando a resignificação da prática pedagógica.

O fazer musical na Educação “Perceber, produzir e relacionar-se com e por meio de sons faz parte da história de vida de todos nós” (BRITO, 2003, p.32).

A música se faz presente em nossas vidas, em acontecimentos pessoais e nas relações com os outros, antes mesmo de nascermos, pois diferentes ambientes sonoros nos circundam, desde a gestação. As pessoas iniciam suas vivências musicais ainda na barriga da mãe e crescem em meio a sons característicos do seu cotidiano e contexto sociocultural.

Brito (2003) destaca que:

...temos um repertório musical especial, constituído por músicas significativas que dizem respeito à nossa história de vida. Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras (BRITO, 2003, p. 35)

Podemos dizer que: “o processo de musicalização das crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música” (BRITO, 2003, p. 35).

A criança, ao entrar na Educação Infantil (primeira etapa de escolarização), estará inserida em um universo musical.

Entretanto, de acordo com Brito (2003):

...este universo é rodeado de muitos resquícios onde a utilização da música é um suporte para a aquisição de conhecimentos gerais, na intenção de formar hábitos e atitudes, rotina e tornem significativa a presença da música na escola, segundo princípios específicos dessa linguagem, e não como uma forma de expressão empobrecida e a serviço de outras áreas (BRITO, 2003, p. 51).

Pensando em alternativas e instrumentos acessíveis que contribuam para a realização de um trabalho com música na Educação, a música pode explorar diferentes fontes sonoras, utilizar de instrumentos musicais convencionais ou não, como por exemplo: sons com o corpo, com a voz ou ainda utilizar objetos do cotidiano. Por sua vez, o professor pode buscar conhecer concepções educacionais e de ensino de música que contemplem uma atuação efetiva em uma etapa tão importante como a Educação, marcada por estímulos importantes que se refletirão por toda a vida do educando.

Fonterraba(2008) afirma ser “na primeira infância a construção de todas as bases sensoriais, afetivas, mentais, morais, sociais e estéticas que nortearão as fases posteriores” (FONTEERRADA, 2008, p. 236).

Brito (2003) destaca que:

A criança é um ser “brincante” e brincando também se faz música: [...] as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com os adultos quanto com a música (BRITO 2003, p. 35).

Schafer (2011) ressalta: “ a necessidade de promover as potencialidades criativas das crianças, para que possam, dessa forma, fazer músicas por si mesmas” SCHAFFER (2011, p. 272).

Salles (2002) destaca que:

A partir do início do século XX, a criança passa a ser considerada pelas correntes da pedagogia musical, surgidas naquele período, como um ser pensante, com ideias próprias e pessoais e com um potencial inesgotável de aprendizagem (SALLES, 2002, p. 39).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) salienta:

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É um das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL, 1998, vol. 2 p.45).

Investigando estudos sobre a História da Educação Brasileira, podemos concluir que os primeiros manifestos de arte musical em processos educacionais incidiram durante as primeiras ações dos jesuítas. A música tinha uma função: ser empregada no processo de catequese, cujas letras aplicavam letras com conteúdos evangelizadores que cooperavam no desenvolvimento e entendimento religioso do educando.

As diferentes aplicações da música na educação brasileira foram aplicadas mais frequentemente com crianças maiores de 7 (sete) anos, aquelas que passariam a frequentar a escola nem sempre obrigatoriamente, uma vez que a escola não era para todos.

A criança no Brasil passa a ser reconhecida como sujeito de direitos com a promulgação da Constituição Federal de 1988. A lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB) seção II da Educação Infantil, defende que primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social da comunidade, conforme o artigo 29.

Considera-se a partir de então que a escola é um direito de todos, portanto, a criança na fase de educação infantil deva também ser estimulada a desenvolver-se em diferentes aspectos. E no mundo contemporâneo e democrático considera-se que:

Na contemporaneidade são muitos os estudos que comprovam a eficácia da música como ferramenta auxiliar em sala de aula em

diversos níveis da educação básica e até mesmo no ensino superior. A etnomusicologia, também conhecida como antropologia da música, é uma teoria formulada pelo americano Alan P. Merriam que defende a arte musical como um poderoso meio de interação que através do estímulo da percepção possibilita o ser humano organizar e vivenciar informações de origem sensorial (FELIX, SANTANA, OLIVEIRA, 2014, p.2)

Para PONSO (2008, P.15) “A música é conhecimento, é substância, é algo palpável que está a serviço das demandas que surgem nos projetos de intervenção.” A autora está apresentando a música como recurso pedagógico, contribuindo com o aprendizado nas necessidades implícitas das disciplinas. E utilizar a música nas diversas áreas do conhecimento, é valorizar o que é de interesse do aluno, uma vez que, o contato e atenção para a música surgem desde bebê.

O educando mesmo sem conhecimentos específicos sobre musicalidade, dispõe de um “sistema automático de recepção musical”. Este sistema ao ter contato com diversas formas de manifestações sonoras, de forma consciente ou inconsciente, despertam competências que favorecem a relação eficaz, com o sociocultural, valores políticos-ideológicos e até mesmo com conhecimentos específicos de diversas áreas do estudo (FELIX, SANTANA, OLIVEIRA, 2014, p.2).

Loureiro (2003) considera que a música no cenário da educação escolar está há um grande tempo distante, uma vez que uma das causas foi ser prejudicada em sua identidade como disciplina quando em 1971 tornou-se um dos componentes da Educação Artística. Assim tornou-se um acessório de entretenimento diante de outras disciplinas, impedindo sua manifestação de importância adequada como material adequado de desenvolvimento de habilidades no aprendizado e aprimoramento humano.

Apesar de reorganizadas e repensadas as ações referentes a música devemos refletir que:

Ainda que esses procedimentos venham sendo repensados, muitas instituições encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional. Contata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área da música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento constrói. (BRASIL, 1998, p. 45)

Para Loureiro (2003), no Brasil, o alcance de habilidades musicais ainda é bastante inexpressivo a uma grande parcela da população infantil. As escolas públicas contemporâneas encontram dificuldades e diferentes a realidade do século XIX. Hoje a dificuldade de acesso aos materiais músico-pedagógico, a

presença de salas inadequadas, os poucos momentos de aula, as turmas numerosas ao mesmo tempo que temos poucos professores especializados, causam um desajuste na educação musical em qualquer fase da aprendizagem. A autora considera que a prática está muito distante das leis aplicadas e a aplicação dos conteúdos musicais acabam sendo fragmentados, ultrapassados, abstratos convertendo para uma educação imposta contradizendo as aplicações musicais de qualidade.

3.A EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL

A música nos dias atuais é uma das atividades que mais influenciam a aprendizagem das crianças da educação básica. Se pensarmos na questão de uma definição do que vem a ser a música teremos diferentes concepções. De acordo com Brito (2003), no dicionário Aurélio da língua portuguesa o verbete música tem a seguinte definição: “arte e ciência de combinar sons de modo agradável”.

A música é um elemento fundamental na vida de uma criança, e é introduzida na educação das crianças devido a importância representativa no seu desenvolvimento intelectual, auditivo, sensorial da fala e motor. A criança começa a se expressar e é capaz de integrar-se ativamente na sociedade porque a música ajuda a ganhar independência nas suas atividades diárias, assumir o cuidado de si mesma e do meio onde vive. As crianças que vivem em contato com a música aprendem a conviver melhor com outras crianças, sendo mais comunicativas e harmoniosas. A música para as crianças na creche e pré-escola as encanta de uma forma que lhe dão segurança emocional, confiança, pois sentem-se compreendidas ao compartilharem canções, e ficam em clima de ajuda, colaboração e respeito mútuo.

Na etapa de alfabetização a criança é estimulada com a música através das canções infantis, nas sílabas rimadas e repetitivas, e acompanhadas de gestos que se fazem ao cantar, ela melhora sua forma de entender e falar o significado de cada palavra e assim, se alfabetizará de uma forma mais rápida.

É certo que música e gesto, movimento, ação. No entanto é preciso dar as crianças a possibilidade de desenvolver sua expressão, permitindo que criem seus gestos, que observem e imitem os colegas e que principalmente, concentram-se na interpretação da canção sem a obrigação de fazer gestos concentrados durante todo o tempo (BRITO, 2003, p. 93).

O poder de concentração melhora a capacidade de aprendizagem em todos os sentidos além de potencializar a memória. A expressão corporal da criança com a música se vê mais estimulada. A música proporciona às crianças:

- Melhor coordenação motora;
- Desperta a sensibilidade e a criatividade;
- Ajuda a criança a comunicar-se;
- Trabalho em grupo;
- Aumento da autoestima
- Aprendizagem do alfabeto, de ritmos, entre outros.

Além de ser uma das atividades mais estimulantes para o intelecto das crianças. É uma das aprendizagens mais agradáveis e divertidas.

Independente do seu papel dentro da sociedade a musica exerce forte atração sobre os seres humanos fazendo mesmo que de forma inconsciente que nos relacionemos com ela, muitas vezes quando a ouvimos começamos a nos familiarizar com gestos e cantarolando pequenas partes da melodia. A linguagem musical se constitui em um efetivo meio de desenvolvimento de crianças, dependendo da metodologia dos professores podem ser ricas ou empobrecidas. O professor deve trabalhar a música com as crianças através das brincadeiras e do cotidiano do aluno a fim de enriquecer o conhecimento sobre a música, criando uma parceria com o professor especialista da área. A lei número 11679 de 18 de agosto de 2008 determina que a música é disciplina obrigatória na educação básica composta por educação infantil ano iniciais e ensino médio levando em consideração a importância desta disciplina a ser incluída nas escolas é como objetivo de desenvolver a criatividade, a expressão, sensibilidade, integração e socialização da criança. A música deve ser explorada e trabalhada pelo educador a fim de estimular e motivar a criança para que a mesma leve adiante essas experiências com alegria e entusiasmo.

O processo de musicalização dos bebês e das crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. (BRITO, 2003, p. 35).

No Brasil a presença da música como instrumento didático foi muito utilizado com a chegada dos jesuítas efetivavam com bons resultados a catequese dos educandos.

Na década de 1930, o canto orfeônico idealizado e orientado pelo cantor Vila Lobos intencionou a fornecer a linguagem musical de modo sistematizado, passando conceitos como civismo, patriotismo, ordem e coletividade disciplinada tão desejados pelo governo Vargas (SEF, 2000).

A partir de 1960 é organizado e licenciado o ensino das artes designando a um único profissional o ensino de várias linguagens artísticas. Atualmente são muitas as pesquisas que comprovam a eficácia da música como instrumento didático em todas as fases educacionais.

A etnomusicologia defende ainda que a música propõe interação do estímulo sensorial com organização e vivência de informação com bons efeitos. Apesar de conhecer as especificidades da arte musical qualquer indivíduo dispõe de “um sistema automático de recepção musical”. Assim ao conferir o contato com a música das mais diversas maneiras pode desenvolver competências efetivas em relações socioculturais, políticas-ideológicas ou em apreensão de saberes específicos em diferentes áreas. A música pode ser aplicada de diversas formas: relaxamento como fundo sonoro ou tema criado para um livro ou texto a ser lido, ou ainda a contextualização de letras, assim como a elaboração de paródias.

Fazer com que o educando se aproprie dos elementos oferecidos pela musicalidade, efetive significados no processo educacional, desperte fazer musical sem estar vinculado a aula de música e desenvolva habilidades e competências na construção de conhecimentos para todas suas relações de modo interdisciplinar é um desafio para os educadores que não possuem habilidade atreladas a música. Por outro lado remetem ao professor a um

caminho reflexivo em sua prática que resulta na proximidade do educando e educador.

Sempre se encontram manifestações musicais na prática das tradições populares de todas as épocas. Os diversos meios midiáticos físicos ou virtuais possibilitam o acesso a qualquer pessoa o contato com a música, portanto é preciso abrir espaço na sala de aula para o uso desta, já que o acesso é favorecido a qualquer estilo desejado. O importante é realizar a contextualização procurando dispor de obras que produzam significados para o desenvolvimento pessoal. Esta variedade de apreciação e produção proporciona construção de diferentes hipóteses sobre a história da música e a construção do patrimônio musical da humanidade e podem ser coletadas no local de sua produção ou em outros locais (SEF, 2000).

Entre outros aspectos a prática estudantil e educadora estimula a percepção, a memória e inteligência aprimorando nos educandos a disposição de assimilação de conteúdos através da sensibilidade. A emoção quando tocada coopera motivando o processo de constituição do conhecimento principalmente se associada a letra e sons das músicas com a atividade cognitiva da sala de aula. Na Educação Infantil os professores executam o ato musical, ligando letras com conteúdos específicos, sempre obtendo resultados muito satisfatórios. Assim a música se torna a base da construção do conhecimento no ambiente educacional, porém é a base de outros setores onde ocorre a aprendizagem desenvolvidas por especialistas de outros setores. Mesmo diante deste cenário, ainda não se reconhece sua prática como recomendação de uso frequente de maneira pedagógica.

A Música é definida por Merriam como um meio de interação social, produzida por especialistas (produtores) para outras pessoas (receptores); o fazer musical é um comportamento aprendido, através do quais sons são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação na interrelação entre indivíduo e grupo (PINTO, 2001, p. 224).

O uso das letras e melodias contemporâneas exige muito cuidado devido aos critérios de produção da música. É notória a ligação desta produção com o mercado produtor que submete a busca de conteúdos úteis ao contexto pedagógico mais difícil. As produtoras musicais se preocupam mais como produto de venda fácil do que com a necessidade cultural em si. Quando se

trata de mostrar ao aluno música de qualidade e a necessidade da compreensão da importância dessas composições é necessário modificar o contexto principalmente quando é utilizada exclusivamente como recurso mercantilista. Enfrenta-se nestas decisões a avaliação a respeito de cultura e apreensão da mesma distante dos conceitos capitalistas. Assim é prioritária a busca de pesquisa de experiências de sucesso neste contexto, ampliando assim o conhecimento a respeito do uso desta ferramenta didática. Envolve-se desta forma a motivação do educador na aplicabilidade dessas ações, evitando a oposição do uso da música com recurso didático. E deve-se compreender ainda que ação desta a prática acompanha aprofundamento, socialização de experiências e inclusão didática no currículo, para que se estimule o aluno nos mais diferentes aspectos da música seja para aplicabilidade de conceitos do cotidiano seja para atuação profissional de músico. Assim, essas ações didáticas quando socializadas podem alcançar o meio científico e ao poucos conquistar este espaço embolsando o reconhecimento aprimorado.

Por outro lado, a prática didática com música sempre envolve o brincar:

A música, na educação infantil mantém forte ligação com o brincar. Em algumas línguas, como no inglês (*to play*) e no francês (*jouer*), por exemplo, usa-se o mesmo verbo para indicar tanto as ações de brincar quanto as de tocar música. Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressão da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo (SEF, 1998, p. 70-71).

Compreende-se ainda que só o fato da música estar presente no contexto educacional já são favorecidos uma infinidade de preceitos educacionais.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (SEF, 1998, p. 45).

A aplicabilidade da prática didática com música percorre a efetividade demonstrando o alcance de vários objetivos, inclusive aqueles não esperados no ensino de música, mesmo que ainda seja a prática entendida como estereotipada:

A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada (SEF, 1998, p. 47).

A reflexão sobre o uso da música é muito produtivo e se inicia ao identificar sua presença em várias ações humanas:

A música está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, música para dançar, para chorar os mortos, para conclamar o povo a lutar, o que remonta à sua função ritualística. Presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios a cada manifestação musical. Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais (SEF, 1998, p. 47).

A conclusão sobre a efetividade no desenvolvimento do conhecimento infantil no seu emprego é que torna-se objeto de estudos para pesquisadores no meio acadêmico:

Pesquisadores e estudiosos vêm traçando paralelos entre o desenvolvimento infantil e o exercício da expressão musical, resultando em propostas que respeitam o modo de perceber, sentir e pensar, em cada fase, e contribuindo para que a construção do conhecimento dessa linguagem ocorra de modo significativo (SEF, 1998, p. 47).

As recomendações sobre o uso da música no contexto educacional compreendem três percursos:

- produção - centrada na experimentação e na imitação, tendo como produtos musicais¹³ a interpretação, a improvisação e a composição;
- apreciação - percepção tanto dos sons e silêncios quanto das estruturas e organizações musicais, buscando desenvolver, por meio do prazer da escuta, a capacidade de observação, análise e reconhecimento;

- reflexão — sobre questões referentes à organização, criação, produtos e produtores musicais (SEF, 1998, p. 48).

E entende-se ainda que:

Deve ser considerado o aspecto da integração do trabalho musical às outras áreas, já que, por um lado, a música mantém contato estreito e direto com as demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.), e, por outro, torna possível a realização de projetos integrados. É preciso cuidar, no entanto, para que não se deixe de lado o exercício das questões especificamente musicais (SEF, 1998, p. 49).

As recomendações sobre o uso da música envolve uma série de aspectos, inclusive o da inclusão e do atendimento da diversidade de faixas etárias:

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (SEF, 1998, p. 49).

Desde a mais tenra idade a musicalização intuitiva propõe envolvimento para o aprimoramento do conhecimento no cotidiano, seja através da observação ou imitação:

O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas etc., reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando

momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem, eles constroem um repertório que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio dos sons (SEF, 1998, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção do conhecimento em música surge da ação da criança com a música, cuja característica fundamental é o movimento simultâneo e sucessivo de seus elementos (duração, altura, intensidade e timbre). Assim, dentro de um processo ativo e lúdico, a criança poderá construir seu conhecimento musical, quando interagir com os objetivos existentes em seu contexto social.

Entende-se por objeto sonoro todo o objeto produzido ou percebido como som, desde que organizado dentro de uma perspectiva estética intencionada, como música ou como ato de audição. Neste caso, envolverá tanto o som da voz como o de instrumentos musicais definidos, quanto ruídos, buzinas, campainhas, cantos de aves ou demais sonoridades de nossa paisagem sonora. O que define o objeto sonoro é a organização integrada dos elementos sonoros construídos pelo homem como música. Logo cada coisa que se ouve é um objeto sonoro. Ele pode ser encontrado em qualquer parte, dentro ou fora das composições musicais. O objeto sonoro pode ser fora das composições musicais. O objeto sonoro pode ser leve, pesado, agudo, grave, longo, curto, suave, forte, etc.

As atividades de improvisação também podem ser utilizadas pelo educador para desenvolver o processo de percepção, expressão e comunicação possibilitado pela música, que favorece o manuseio e a reflexão de elementos musicais: qualidade do som, o som e o silêncio, a livre improvisação como caminho da descoberta de objetos sonoros, a necessidade de organizar os objetos sonoros de forma expressiva, a vivência de andamentos, densidade, textura, pulsos e ritmos diferentes, entre outros.

É preciso ressaltar que a expressão musical é parte integrante de nossa cultura, aparecendo naturalmente em nosso contexto social e educativo. O som nos invade a cada instante: ele está dentro e fora de nós, no passarinho que canta de manhã, no ônibus, na boca das pessoas, no gol de nosso time, no ensaio da orquestra na rua. Manipulado pelo homem esse som se transforma em música, passando a existir na imaginação ou na efemeridade do momento como paisagem, lembrança, estereótipo, interação, diversão ou brinquedo. Logo a linguagem musical é um meio de organização da realidade, e também a organização do som estruturado numa forma que estabelece relações e gera significados provenientes da coordenação e ordenação integrada do sujeito, do objeto sonoro e de seu meio sócio cultural.

O uso da música organiza a experiência e permite sua compreensão.

Neste contexto a tônica do trabalho pedagógico é possibilitar um ambiente de descoberta e revelação dos imaginários infanto-juvenis, buscando

organização da forma e a conquista de outros possíveis a partir do fazer música, forma que inerente a linguagem musical, deve ser estruturada no dia a dia da sala de aula em sua totalidade na direção dos ilimitados estudantil.

A música deve ser desenvolvida na amplitude de se acontecer, o que inclui não somente cantar musiquinhas do dia das mães, ou melodias específicas para lavar as mãos, sentar, guardar brinquedos, mas também compor, improvisar, explorar seu corpo como instrumento musical, conhecer, manipular, classificar, registrar, identificar, escutar sons e músicas, tocar, movimentar-se no espaço, apreciar a literatura universal da música, participar de performances, enfim, produzir e pensar música, seja ela qual for o estilo.

REFERÊNCIAS

ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical: Disponível em: http://www.educacao.ufrj.br/ensino/posgrad_stricto/mestrado/dissertacoes2009/Dissertacao_Soraya_Sampaio_Vergilio.pdf. Acesso em: nov/2009. Revista da ABEM, n. 10, março 2004. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2000.

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas: versão resumida**. Miriam Abramovay et alii. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Ayrton Senna, UNADIS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

ALEIXO, Ramon de Alcântara e SILVA, Wagner Tavares. **O uso da música como nova linguagem no processo de ensino-aprendizagem de história: Uma análise crítica sobre a projeção do sujeito na canção. “construção”**

CORRÊA, Marcos Kroning. Violão sem professor: um estudo sobre processos de autoaprendizagem musical com adolescentes. Dissertação de Mestrado. Programa de PósGraduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

FERREIRA, Martins. Como usar a música na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2008. 7 ed., 1ª reimpressão. (Coleção como usar na sala de aula).

FIALHO, Vânia. Hip Hop Sul: um espaço televisivo de formação e atuação musical. Dissertação (Mestrado em Música)–Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GEERTZ, CLIFFORD. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

GREEN, Lucy. **Pesquisa em sociologia da educação musical**. Revista da ABEM, Salvador, n. 4, p. 25-35, 1997

HUMMES, JÚLIA M. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. In: Revista da ABEM, Porto Alegre, n.11, p 17- 24, set. 2004. HUMMES,

JÚLIA M. **As funções do ensino de música na escola, sob a ótica da direção escolar: um estudo nas escolas de Montenegro**. Porto Alegre, p 83-91, 2004.
http://www.educacao.ufrj.br/ensino/posgrad_stricto/mestrado/dissertacoes2009/Dissertacao_Soraya_Sampaio_Vergilio.pdf. Acesso em nov/2009.

MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. Campinas: SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção formação de professores).

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento Interpessoal**. Treinamento em Grupo. 17ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

NASCIMENTO, S. R.; CRAVEIRO DE SÁ, L. Musicoterapia: ressignificando o Ato Pedagógico. In: Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. Curitiba: AMTPR, 2009.

PATTO, Maria Helena de Souza. Exercícios de Indignação: escritos de Educação e Psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

VERGILIO, Soraya Sampaio. Elevando a Tensão Geral - O aumento da escolaridade de adolescentes autores de atos infracionais em medida de internação provisória no Estado do Rio de Janeiro / Soraya Sampaio Vergilio. Rio de Janeiro, 2009. f: 90 il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2009

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental -Campinas, SP: Papyrus, 2003. – (Coleção Papyrus Educação).

MOURA, Auro Sanson. Música e construção de identidade na juventude: o jovem, suas músicas e relações sociais / Auro Sanson Moura. – Curitiba. 2009. 146f.: Il. Color., rafs.

MÜLLER, Vânia B. A música é, bem dizê, a vida da gente: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal Porto Alegre – EPA. Dissertação (Mestrado em Música)–Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Revista da ABEM, n. 10, março 2004. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2000.

SANTOS, Marco Antonio Carvalho. Educação musical na escola e nos projetos comunitários e sociais. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 12, 31-34, mar. 2005. SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações polêmicas do nosso tempo. 7. ed. São Paulo. Autores associados, 2000.